

Encontros e desencontros juvenis em uma escola¹

Deane Monteiro Vieira Costa²

Resumo:

Este artigo analisa a singularidade da condição juvenil com relação à consolidação de grupos de sociabilidade no interior de uma escola pública de ensino médio, do período noturno. Investiga dimensões juvenis geralmente negligenciadas no ambiente escolar que refutam a idéia de uma juventude homogênea. O modo como Maffesoli (1987), Magnani (2004) e Pais (2004) discutem a prevalência da forma e da estética na organização das relações sociais na sociedade contemporânea ancorou a análise dos dados coletados. Esta pesquisa caracterizou-se como qualitativa, uma vez que foram realizadas observações diretas/indiretas. A investigação indicou que para os/as educadores/as da escola pesquisada, a ideia de formação de grupos na escola é rejeitada, na medida, em que essas formações são relacionadas diretamente a conduta violenta, pratica de vandalismo e a perda de autoridade da escola.

Palavras-chave: Sociabilidade, Juventude, Tribos urbanas e Escola

Introdução

Como educadora, defrontamo-nos com a dificuldade da escola em compreender seus jovens alunos/as. A distância entre o “mundo da escola” e o “mundo dos jovens” traz perdas para todos os atores escolares, uma vez que eles acabam imersos numa rotina desinteressante, que rotula o(a) aluno(a) como uma massa uniforme, sem identidades. De acordo com Peregrino e Carrano (2003, p. 17), esses mundos não existem em si, mas é perfeitamente possível reconhecer a existência de territórios que operam simbolicamente em freqüências comunicativas díspares.

Este texto tem por objetivo analisar a singularidade da condição juvenil com relação à consolidação de grupos de sociabilidade no interior de uma escola pública de ensino médio, do período noturno. Para isso, investigou dimensões juvenis geralmente negligenciadas no ambiente escolar que refutam a ideia de uma juventude homogênea. A abordagem qualitativa foi adotada e escolhemos a metodologia da etnografia como a

¹ Este texto apresenta uma síntese de minha pesquisa de mestrado intitulada – *Escola e Juventude: encontros e desencontros*, defendida em julho de 2005 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo.

² Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista CAPES. e-mail: deane_vieira@ig.com.br

mais apropriada à natureza da pesquisa que empreendemos, pois ela permite contextualizar a realidade do fenômeno educativo através da valorização da diversidade e da heterogeneidade cultural e através de um “olhar” relativizador, o pesquisador busca o “outro”, admitindo lógicas diferentes das suas de “[...] conceber e organizar o mundo, o que permite que a interpretação de um fenômeno educativo se aproxime de um conhecimento sobre os alunos e sua cultura” (COSTA, 2005, p.18).

O texto foi dividido em quatro partes. Na primeira buscamos apresentar a instituição escolar pesquisada nominada de “Escola da Vila”³ e os sujeitos da pesquisa.

A partir dessa apresentação e mediante ao aporte teórico de Maffesoli (1987), Magnani (2004) e Pais (2004) discutimos as novas formas de grupalismo na sociedade contemporânea, tomando a noção de “tribo urbana”.

Depois, analisamos as tribos no interior da escola – a tribo Família e a tribo As Panteras. Por fim, discutimos o olhar dos (as) educadores (as) da Escola da Vila sobre as tribos juvenis existentes naquele espaço.

A ESCOLA DA VILA E OS(AS) JOVENS ALUNOS (AS)

A Escola da Vila foi fundada em 1972, abrigando preliminarmente a Escola Normal de Vila Velha, anexa ao Colégio Agenor de Souza Lé. A origem do nome da escola é uma homenagem a um prefeito de Vila Velha, filho de imigrantes alemães, que iniciou seu mandato de outubro de 1929 e foi deposto em 24 de outubro de 1930, pela Revolução Republicana.

A primeira diretora da escola foi Maria da Glória Oliveira D’Martin (Dona Glorinha). O período de sua administração durou doze anos, de 1971 a 1983. Segundo entrevista cedida aos alunos e funcionários no ano de 2003, Dona Glorinha afirma:

O sistema pedagógico da época era muito rígido, fechado e totalmente didático. Os alunos não podiam opinar, seguindo assim um programa escolar

³ Nome fictício que remete a certa concordância com a escola e a historiografia capixaba. Pois a escola está localizada no cenário da história da primeira vila do Estado Espírito Santo, sendo por cerca de vinte anos sede da Capitania. Hoje é o sítio da Prainha e representa um dos principais atrativos turísticos de Vila Velha. O bairro é marcado pela proximidade com o convento de Nossa Senhora da Penha, referência para a população capixaba há cerca de quatrocentos anos; pelos museus que simbolizam as produções locais; pela Igreja de Nossa Senhora do Rosário, um dos mais antigos templos do Brasil que, por muitos anos, ficou sendo o local preferido para os encontros da comunidade, porque, além de templo, era ali que se registravam casamentos, nascimentos, batizados e terrenos, como era comum em todo o Brasil Colônia (SANTOS,1999). O bairro é também sede do 38º Batalhão de Infantaria (38º BI), Escola de Aprendizes de Marinheiros (EAMES), do Fórum de Vila Velha, da Ordem dos advogados no Brasil (OAB) e da Câmara de Vereadores de Vila Velha. (COSTA, 2005, p.35)

que vinha da Secretaria da Educação. Depois que a escola foi construída, ficou parada três anos até que resolveram abrir um curso científico. Nossa escola ficou sendo a primeira escola de Vila Velha a ter 2º grau. A escola era chamada de 'Escola de 1º e 2º graus de Vila Velha'. Em 1971, houve a reforma do magistério e a Lei n.º 5.692 determinava que, para ser diretor, tinha que ter habilitação específica em Administração e em Magistério, por isso eu resolvi fazer faculdade juntamente com duas amigas que se formaram em Geografia.

Fui indicada para assumir o cargo de diretora da escola. Encontrei a escola em péssimas condições de trabalho, muitos funcionários para poucos cargos. Já naquela época enfrentei problemas com alunos, usuários de drogas. Mas, com o tempo, a escola foi reformada. Colocamos grades, compramos tudo que a escola precisava, com a colaboração em dinheiro dos alunos.

Havia muitos alunos rebeldes, entravam armados, pois a escola era toda aberta, professores mal selecionados. Mais tarde, tudo foi resolvido, os alunos só entravam com uniforme completo, pois assim podíamos ter um controle, impedindo a infiltração de pessoas relacionadas ao tráfico de drogas com a ajuda da Polícia Federal. A escola tinha um grande entrosamento com a Marinha e o Exército, fazendo festas de apresentações de danças que aprendiam no decorrer do ano. Eu era uma diretora rígida com alunos e professores. Curso oferecido pela escola: Científico e Magistério, Escola de Aplicação de Primário, Auxiliar de Habilitação em Saúde e Crédito em Finanças e Administração.⁴

A construção da escola da Vila ocupa um espaço espremido, sem possibilidades de ampliações, entre duas casas de moradores. É uma construção que apresenta sinais de deterioração evidente, com pinturas descascadas e pisos quebrados.

No térreo, estão algumas salas de aula, o laboratório de informática, que possui o mesmo tamanho de uma sala de aula com doze computadores funcionando apenas nos programas do Windows 98, os banheiros; cozinha; cantina onde estudantes, professores e funcionários compram salgadinhos tipo *chips*, salgados, refrigerantes; o pátio que serve de refeitório e lugar para as sociabilidades tem um espaço físico pequeno e é bastante controlado, porque as salas dos professores, da coordenadora e da diretora ficam em frente a esse espaço.⁵

Por isso, alguns grupos de alunos/alunas preferiam o andar superior (onde estão algumas salas de aula dos supletivos e a biblioteca com as mesmas dimensões de uma sala de aula, que permanecia sempre fechada durante o período noturno) pois ficam longe dos olhos dos funcionários, professores/as e direção.

⁴ Essa entrevista é parte do projeto pedagógico intitulado "Prainha de Vila Velha", realizado no ano de 2002, tendo como autoras do projeto as professoras Jandira Vasconcelos e Sônia Maria da Rocha G. Pereira e a participação dos alunos Victor Loureiro Lyrio e Nátila da Silva Ramos

⁵ Atualmente esse cenário pode ser diferente em virtude da realização dessa pesquisa ter ocorrido nos anos de 2004 e 2005.

A Escola da Vila não é freqüentada pelos filhos dos moradores do bairro, que geralmente estudam em escolas particulares da grande Vitória. Isso faz com que a comunidade não valorize a instituição escolar e, de acordo com a diretora, há ações sendo formalizadas pelos moradores para que o estabelecimento seja fechado.

E ela continua:

E a localização dessa escola é boa, porque o local é bom, mas ela tá fora do contexto escolar, totalmente. Porque não tem comunidade escolar aqui, os vizinhos não têm nenhum filho na escola, os vizinhos detestam a escola, que incomoda, porque faz barulho, porque os filhos deles não estão aqui, né? Estão todos na escola particular. Então, aqui nós temos nossa clientela: Retiro do Congo, Praia do Sol, Ponta da Fruta, Barra do Jucu, aí você tem, Terra Vermelha, João Goulart, Riviera, né? E vai vindo e tal, até chegar Vila Garrido, Cobilândia, Rio Marinho, Vale Encantado, Aribiri, Santa Inês, Boa Vista, Coqueiral. Você tem de todos os lugares, você tem aluno. Da Praia da Costa e Vila Velha, acredito que nós não temos 1 % dos nossos alunos, mas aqui, da região mesmo, não tem nenhum. Então, incomoda eles esse barulho, esse arrasta, esse entra e sai de meninos, né? Que a escola é viva, né? Ela tem que ser viva, né? Que é aluno, são seres vivos, então tem que ser viva e incomoda. Eles reclamam, eles falam horrores. O dia que eu fui convidar pra participar do Conselho Escolar, eu e a coordenadora, me deu vontade de chorar, vim arrasada como ser humano, porque eles falaram 'nós queremos a escola da Vila longe daqui', Só que o São José⁶ interrompe o trânsito, faz inferno na vida das pessoas no trânsito, eles param o carro no meio do caminho, atrapalha todo mundo e ninguém de incomoda, porque são os filhos da elite. Mas aqui, essa escola, faz a comunidade infeliz porque ela não tem gente...mas a escola é boa, eu, como fui ex-aluna, né? No meu tempo era muito diferente de hoje, é claro, graças a Deus que é diferente, mas é uma realidade totalmente diferente, a escola vive e tem vivido momentos críticos.

Entretanto, apesar do quadro de abandono e rejeição que essa descrição oferece, a Escola da Vila é um lugar cheio de vida: alunos namorando, paredes lotadas de cartazes de atividades feitas pelos alunos/as nas aulas, os risos deles contando piadas e as demarcações de territórios dos grupos que são legitimadas entre eles.

Foram sujeitos da pesquisa: alunos/as, professores/as, corpo técnico e funcionários da escola pesquisada. Entretanto, os sujeitos mais diretamente investigados foram os jovens alunos na faixa etária entre 15 e 24 anos. As condições socioeconômicas pesquisadas nos prontuários individuais desses(as) alunos (as) e em relatos dados pelos(as) alunos(as) e educadores(as) nas entrevistas, indicam que os jovens de que estamos falando são filhos de classes populares. Geralmente os seus pais trabalham como pedreiros, autônomos, vigias e policiais militares e um sério agravante: 11,7%

⁶ Escola particular e tradicional de Vila Velha na qual a maioria dos filhos dos moradores da Prainha estudam.

desses pais estão desempregados. E as mães geralmente não trabalham fora e as que trabalham desenvolvem atividades, como; empregadas domésticas, vendedoras e costureiras.

A média de idade do sexo feminino é de 19,5 anos e do sexo masculino é de 18,6 anos. Entretanto, o desvio-padrão apresenta uma particularidade, no caso das alunas, de 5,5 anos, o que significa dizer que há uma alta dispersão dos valores de idade em relação à média, em que a pessoa mais jovem tem 15 anos e mais velha tem 47 anos. Quanto aos alunos, o desvio-padrão é de 2,7 anos, a pessoa mais jovem tem 15 anos e a mais velha 31 anos. No que se referem às mulheres, elas alegam que a maternidade as afastou da escola e que depois que os filhos cresceram elas voltaram a estudar.⁷

Esse fato demonstra que na Escola da Vila o/a jovem aluno/a devidamente periodizado na série estudada convive com adultos que estavam longe das salas de aulas por um longo tempo. Isso é motivo de reclamação por parte dos/as alunos/as:

Eu acho que o pessoal mais velho que tão na mesma sala que a gente, entendeu? Acho que eles deveriam fazer um supletivo. Porque eles atrasam a matéria, atrasam a aula, porque eles... Não sei, mas acho, eu penso assim, de repente o jovem tem mais facilidade pra aprender as coisas, pra entender, porque ele tem a mente mais aberta. Já o adulto não, entendeu? E isso acontece, às vezes eles atrasam a aula. Atrasam a matéria e atrasam todo mundo (RAFAEL, 16 anos)⁸.

Lá na sala também tem as meninas do canto lá, aquelas quatro...O professor vai, de Matemática lá, explica a matéria. Bota um 'X' no quadro: Aí, elas perguntam: professor, de onde saiu esse 'X'? É a fórmula do negócio... Aí o professor volta tudo de novo, vai, explica, aí depois o porquê... aí o professor é, depois escreve de novo. Pergunta a mesma coisa... Depois chega até... enjoar. Elas não sabem entender as... matérias (CARLOS, 16 anos).

Das falas acima, pode-se interpretar que existem conflitos de geração nas salas de aula. Verifica-se um desencontro de ritmos e de experiências entre os/as alunos/as de faixas etárias muito distantes. Segundo Sposito e Galvão (2004, p. 372 - 373), o desejo de ser jovem é uma das marcas que perseguem esses alunos do ensino médio na atualidade. De acordo com as autoras:

[...] esses alunos que ingressam agora no ensino médio e são produtos de sua recente expansão, já trazem consigo o desejo de serem jovens, a despeito das precárias condições de vida que os cercam, em decorrência da absorção dos parâmetros do consumo e das formas de lazer juvenis não acessíveis, mas virtualmente disponibilizados como atrativos pelos meios de comunicação. Muitas dessas expectativas conseguem se realizar no universo escolar nessas

⁷ Esses dados são resultados da inferência estatística da população das seguintes variáveis: quantidade de alunos que trabalhavam, locais de residência, profissão dos pais, idade e gênero.

⁸ Todos os nomes são fictícios.

formas de sociabilidade entre os pares. Cultivam amigos, mas distinguem a amizade da ‘colegagem’, esta mais freqüente e tratada com a capacidade de conversar muito sobre assuntos triviais e estabelecer boas relações.

AS TRIBOS URBANAS

Como já foi dito acima, os jovens da Escola da Vila atribuem à escola outra função que se tornou bem evidente durante a nossa pesquisa – a função da sociabilidade, entendida como um conjunto de relações significativas, sem interesses específicos *a priori* e que destaca a escola como um espaço onde há lugar para o encontro com os amigos, as brincadeiras e o namoro. Esses espaços são recriados nas lacunas deixadas pela organização escolar, nos intervalos entre uma aula e outra, no recreio e nas ausências dos(as) professores(as).

Depois dessa interpretação, o passo seguinte foi definir o referencial teórico que pudesse discutir a análise dos dados coletados e a instituição escolar. Interessou-nos, de maneira especial, o modo como Maffesoli (1987), Magnani (2004) e Pais (2004) percebem a prevalência da forma e da estética na organização das relações sociais na sociedade contemporânea. Nesse sentido, surgem novas formas de grupalismo para além das formas instituídas que se apóiam num paradoxo essencial:

O vaivém constante que se estabelece entre a massificação crescente e o desenvolvimento dos microgrupos que chamarei ‘tribos’. Trata-se da tensão fundadora que me parece caracterizar a socialidade deste fim de século. A massa, ou o povo, diferentemente de proletariado ou de outras classes, não se apóiam numa lógica da identidade. Sem um fio preciso, elas não são os sujeitos de uma história em marcha. A metáfora da tribo, por sua vez, permite dar conta do processo de desindividualização, da saturação da função que lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa (persona) é chamada a representar dentro dela. Claro está que, com as massas em permanente agitação, as tribos, que nelas se cristalizam, tampouco são estáveis. As pessoas que compõem essas tribos podem evoluir de uma para outra (MAFFESOLI, 1987, p. 8 - 9).

Ainda de acordo com o autor, ao mesmo tempo em que a desumanização, o desencantamento e a solidão marcam esse novo século, novas redes de solidariedade se constroem em torno da ordem de fusão. Diferentemente da ordem política que privilegia os indivíduos e suas associações contratuais e racionais, a ordem de fusão vai acentuar a dimensão afetiva e sensível.

Assim,

[...] se existem metáforas, esta fusão é uma delas, pois, tal como podemos constatar a propósito da massa, ela pode se realizar sem o que

tradicionalmente costumamos chamar de diálogo, troca e outras frioleiras da massa laia. A fusão da comunidade pode ser perfeitamente desindividualizante. Ela cria uma união em pontilhado que não significa uma presença plena no outro (o que remete ao político), mas antes estabelece uma relação oca que chamarei de *relação tátil*: na massa a gente se cruza, se roça, se toca, interações se estabelecem, cristalizações se operam e grupos se formam. [...] As agências informáticas, as redes sexuais, as diversas solidariedades, os encontros esportivos e musicais são todos indícios de um *ethos* em formação. É isto que delimita esse novo espírito do tempo que podemos chamar de socialidade. (Maffesoli, 1987, p.102,103).

Com efeito, tribo é um elemento de composição de palavras que exprime a idéia de atrito (do grego tribé), isto é, a resistência de corpos que se opõem quando se confrontam. Esta dimensão de resistência grupal, substantivamente ligada a ideia de atrito, encontra-se presente no fenômeno das tribos urbanas. Contudo, o termo tribos, quando associada a figura juvenil, muitas vezes tem sido comparado às condutas confrontativas, exóticas, desalinhas e violentas. (PAIS, 2004, p.04)

Magnani (2004) discute as ambivalências da noção de “tribo urbana”, apresentando seu caráter metafórico, suas denotações e conotações distintivas de seus múltiplos usos, que em alguns casos confundem conceitos com preconceitos. Ainda segundo esse autor, esta liberdade que a metáfora dá ao termo “tribo”, exige que se tenha presente que seu emprego não é unívoco. Magnani (2004, p.03,04) apresenta resumidamente, cinco significados mais utilizados do emprego “tribos urbanas” em textos, a respeito da cidade e seus personagens. São eles:

1. Um primeiro significado, mais geral, de tribo urbana, tem como referente determinada escala que serve para designar uma tendência oposta ao gigantismo das instituições e do Estado nas sociedades modernas: diante da impessoalidade e anonimato destas últimas, tribo permitiria agrupar os iguais, possibilitando-lhes intensas vivências comuns, o estabelecimento de laços pessoais e lealdades, a criação de códigos de comunicação e comportamento particulares.
2. Em outros contextos, tribo evoca o “primitivo” e designa pequenos grupos concretos com ênfase não já em seu tamanho, mas nos elementos que seus integrantes usam para estabelecer diferenças com o comportamento “normal”: os cortes de cabelo e tatuagens de punks, carecas, a cor de roupa dos darks e assim por diante.
3. Quando evoca o “selvagem”, o termo designa principalmente o comportamento agressivo, contestário e “anti-social” desses grupos e as práticas de vandalismo e violência atribuídas a outros como as gangues de pichadores, as torcidas organizadas.
4. Grandes concentrações – concertos de rock em estádios, shows e outras manifestações (envolvendo ou não consumo de drogas ou comportamentos coletivos tidos como irracionais) ensejam também o emprego de “tribos urbanas”. Neste caso o que se evoca é algo confusamente imaginado como “cerimônias primitivas totêmicas”. E assim por diante.

5. Por último é preciso ainda levar em conta que até mesmo a particular idéia que se vê na tribo indígena uma comunidade homogênea de trabalho, consumo, reprodução e vivências através de mitos e ritos coletivos, não se aplica às chamadas “tribos urbanas”: sob esta denominação costuma-se designar grupos cujos integrantes vivem simultânea ou alternadamente muitas realidades e papéis, assumindo sua tribo apenas em determinados períodos ou lugares. É o caso, por exemplo, do rapper que oito horas por dia é office-boy; do vestibulando que nos fins de semana é rockabilly; do bancário que só após o expediente é clubber; do universitário que à noite é gótico; do secundarista que nas madrugadas é pichador, e assim por diante.

Muitos dos comportamentos das “tribos” são vistos como “anômicos”, sem sentido. Isso acontece porque as sociedades adquirem uma relativa estabilização em torno de valores com os quais se julga a si mesma. Contudo, o que a metáfora da tribo sugere à pesquisa é a emergência de novas formações sociais, que segundo Pais (2004, p.09):

[...]decorrem de algum tipo de reagrupamento entre quem, não obstante as suas diferenças, procura uma proximidade com outros que, de alguma forma, lhe são semelhantes de acordo com o princípio “qui se ressemle s’assemble“.É pois, em formas de sociabilidades que se orientam por normas auto-referenciais de natureza estética e ética que se assentam na produção de vínculos identitários.

Nesse sentido, Os jovens pesquisados na escola constituem suas formas associativas de acordo com as escolhas que lhes são significativas, ou seja, alguns inclinam-se para os grupos *excluídos da escola como jovens*, outros em torno da *exclusão como alunos* e outros partem para o encontro de seus *grupos para além dos muros da escola*.

A TRIBO FAMÍLIA

A tribo família é formada por 07 componentes, situados na faixa etária entre 19 e 33 anos. Dos 07 componentes, 04 (Alex, Sandro, Carlos e Antônio) se declaram homossexuais e os outros 03 (Carla, Ulisses e André) afirmam que são heterossexuais.

Os rapazes se vestem muito diferentes, muitas correntes, cintos, mochilas e bolsas cheias de chaveiros, óculos escuros, cabelos de cortes extravagantes e muita maquiagem.

Na hora que se encontram com a Carla, o cumprimento se deu tocando em suas nádegas e levantando seu corpo, subindo sua saia.

Quando esse grupo chegou ao pátio, percebi alguns olhares de desprezo, dos colegas, mas não se comentava nada, apenas olhavam.

Eles entraram gritando e falavam alto:

- Essa escola é um cú! Carla olhou para mim e disse: - não me importo com os outros. Dane-se todos ! Vai pro caralho.

Entraram e foram direto para o painel de informações e perceberam que o grupo havia sido desfeito nas turmas escolares.

Aí que eles gritavam e xingavam. Um dos rapazes (André) jogou a mochila com toda força e quase me acertou no banco em que estava sentada e nem olhou para mim e gritou:

- O que eu estou fazendo nessa escola? Me colocaram numa sala só de cabeças!

O restante do grupo veio ao seu encontro. A Carla o abraçou e disse: - Isso não vai ficar assim! (trecho extraído do diário de campo).

Realmente eles conseguiram, com a coordenadora do turno, que a tribo se dividisse apenas em duas salas.

Carla (27 anos) se considera a mais velha, pois já é divorciada e tem uma filha de sete anos. Apesar desta idade, parece ser mais velha, está acima do peso, seus cabelos são bastante cumpridos, só usa saia jeans cumprida, não usa blusas sem mangas, nem maquiagens, nem cordões, nem brincos e anéis.

Ulisses é irmão da Carla, tem 33 anos, também é divorciado e tem duas filhas. Apesar do Ulisses não estudar na escola, ele acolhe todo o grupo em sua casa a qualquer hora do dia e noite e se identifica como um dos componentes da tribo. Segundo Carla o motivo é:

O Ulisses tem pena de mim por tudo que já vivi e vivo com a seriedade dos meu pais, que são Testemunhas de Jeová. Eles não me aceitam como eu sou, agora eu aceito eles. Assim eles não me permitem viver com o meu grupo. Assim, o Ulisses permite e participa do grupo, também ele é um jovem, brincalhão e que adora e se identificou com o grupo. A primeira vez que ele viu Sandro beijando o seu namorado, ele ficou todo desconcertado. Hoje não, ele acostumou. Ele também agradece o grupo porque conheceu a Ana Maria, sua noiva, através do grupo.

Como são os mais velhos do grupo e são irmãos, eles se assumem como os “líderes” ou “pais” da tribo, Ulisses afirma:

Sobre a família dos meninos... todos têm problemas com a sua família... O Sandro até hoje não assumiu a sua homossexualidade... para os seus pais. Sua mãe desconfia, mas não tem ... certeza...
Eu e a Carla somos seus pais. Eu chamo atenção e dou conselhos principalmente para o André às vezes pro Sandro e o Alex. A Carla é a mãe, Eu o líder do grupo, o mais velho. No grupo é assim... se um perder a força.. todos perdem...

André tem 21 anos, tem tatuagens espalhadas em determinadas regiões do seu corpo, usa cordões enormes, é magro, tem cabelos curtos e olhos azuis.

Alex tem 23 anos, é negro, é homossexual, usa óculos coloridos, tem muitos brincos na orelha, usa maquiagens, usa roupas coloridas de marca e corta seu cabelo bem curto.

Sandro tem 19 anos, é negro, é homossexual, adora a Madonna, suas roupas são baseadas nos modelos utilizados pela artista em eventos que a mídia divulga e que ele tem acesso. Usa maquiagem, seus cabelos estão sempre coloridos, suas calças jeans são rasgadas para combinar com o estilo proposto.

Carlos é o namorado do Sandro, tem 25 anos, é branco, curte também a Madonna e segue o mesmo estilo de roupas do namorado.

Antônio, é primo do Sandro, tem 20 anos, é branco, é homossexual e não gosta do estilo do primo. Ele se identifica como uma pessoa discreta, que curte usar jeans e blusas de cores básicas.

Em seus depoimentos eles afirmam que a tribo foi originada na escola:

A gente se conheceu na escola né. No primeiro dia de aula. A pessoa do grupo... do grupo, a pessoa que eu mais me simpatizei foi, de imediato, o Alex. Eu me lembro que eu sentei junto com uma outra menina, no primeiro dia de aula, a Lúcia. Aí, quando ele entrou, eu olhei pra ele e pensei assim: Nossa, esse cara parece o André Gabet, do Big Brother. Até que ele tem a aparência. E ele lá atrás, sentou na mesma fileira que eu. Só que ele lá atrás. Pela conversa dele, eu achei ele assim, muito simpático. Então, eu falei: vou me dar bem com esse cara, né... E logo nos primeiros dias, a gente já tava sentando junto na sala e o André... Todo mundo sabe a impressão que eu tive dele lá na escola. Não ia com a cara dele. O Alex é testemunha. Porque eu achava ele muito assim... Metido, entendeu. E só abria a boca pra falar abobrinha, tipo assim... Aí, teve aquela aproximação na sala. Quando a gente viu, ele já tava sentando atrás da gente, né Alex...E ficamos amigos. (Carla, 27 anos)

Há uma relação íntima entre o cotidiano e o tempo livre individual com o encontro da tribo. Assim quando alguns contam a sua rotina, instantaneamente demarcam as possibilidades do encontro da tribo.

Meu cotidiano é acordar às 10:00 horas. Minha vida é de vagabundo agora, depois vou buscar minha sobrinha na escola, que como se fosse minha filha, né... E fico em casa, ajudando nos serviços da casa, depois eu venho me encontrar com meus amigos aqui. ... na maioria do tempo estou conversando com a Carla ou então com o Alex. (Sandro, 19 anos)

O Sandro... sempre me liga na parte da manhã. Então, quando dá assim, 11:30, meio-dia e ele não me ligou ainda, eu ligo pra ele: Por que você não me ligou ainda? Eu fico assim... Dá aquela agonia, aquela aflição, entendeu. Eles não ligam. Então a gente sempre liga durante o dia e na parte da tarde, a gente sempre se encontra aqui na casa do Ulisses. Aí, a gente fica aqui. Escuta música, negócio e tal, até o horário da escola e ir pra escola. E o que eu mais gosto, assim.. é... quando chega de noite que eu gosto muito da noite... não gosto muito do dia... ir pra escola e vê os meus amigos todos... Ficar com todo mundo... (Carla, 27 anos)

Agora todo dia no meu tempo livre à tarde e à noite eu venho pra casa do Ulisses... (Antônio, 20 anos)

Sobre os problemas de relacionamento com os colegas da escola, eles afirmam que sofrem discriminação na escola por serem homossexuais. Inclusive, Carla em seu relato afirma que já percebeu que os colegas de turma acham que ela é também homossexual.

Já escutei comentários, assim, pelo fato de eu andar com o Sandro, com o Alex, e eles serem homossexuais. Eles acharam que eu, que eu seja também, entendeu. Que eu seja sapatão ou é... Ou que é aquela coisa confusa, entendeu.

O relato de Alex e Antônio é revelador de angústias pessoais do “que os professores e os alunos pensam deles”, porque na escola ele assume sua homossexualidade.

Bom, eu acho que eles pensam que eu sou uma pessoa leviana, assim, aparentemente. Pela primeira impressão... (Alex, 23 anos)

E... Desde o primeiro momento que eu fui discriminado, quando eu tinha... 10 anos né, que eu não sabia nem o que era beijo na boca, eu não admito, não admito que ninguém chegue na minha cara falando que eu sou pior do que ninguém. Eu acho que todo mundo comete erro...

Todo mundo tem suas falhas, altos e baixos.... É, esse mesmo. Só loira burra, entendeu. Bom, pelo menos são o que a maioria dos alunos demonstram, entendeu. Tipo assim, eu vou, e passo pelo bebedouro e tem um grupinho lá: a lá “viado”... Entendeu. É desse jeito. Mas, eu não dou esse tipo de abertura, que quando eu vejo esse tipo de atitude e já volto e falo: Você tá falando comigo? Fala na minha cara então! Entendeu. Então não dou esse tipo de abertura. (Sandro, 19anos)

Segundo Ferrari (2000, p. 92), o homoerotismo está presente em vários momentos e locais da escola. Está presente nas conversas entre alunos, nos rabiscos nas carteiras, nas pichações dos banheiros masculinos, enfim está no cotidiano da escola, dos professores, dos alunos e, no entanto a discussão não foi ainda trazida para o discurso oficial, ainda não foi integrada ao currículo. Dessa forma, o homoerotismo se mantém na clandestinidade, como uma identidade desviante, como algo que deve ser escondido. Além desse silenciamento, André fala do desencontro que ocorre em virtude das visões distintas entre o que os professores pensam dos alunos e o que os alunos pensam sobre a escola. Este jovem aluno diz:

Os professores pensam... Cara, você é um idiota. Você tá aqui na aula só pra ocupar espaço. Você não vai aprender porra nenhuma. Por que você tá aqui ainda? Mas, sendo que eu presto a maior atenção.

E complementa:

Eu sou inteligente o suficiente... Pra passar de bloco... Entendeu... Eu sou um cara inteligente. Eu não preciso de ninguém pra mim, tipo assim, acompanhar pra passar de ano, sacou...

Um dado interessante que se constata no discurso do grupo é que são “bons alunos dentro da sala de aula”, mas “enquanto jovens” suas condutas não são aceitas pela escola. Por exemplo, o relato de Alex:

Enquanto aluno, no período de aula sou uma pessoa... sou muita quieta, sou muita atenciosa em relação ao professor, em relação à matéria procuro ajudar o colega. Se eu tenho dúvida eu levanto pergunto. Pergunto se alguém mais tem dúvida pra poder me idealizar de alguma coisa assim... Ah! Vamos formular tal coisa nova, porque eu também não sei. Passou daquele período eu começo me ver como jovem, eu começo a rir. Já saí da sala tô no corredor da escola. Como jovem muita algazarra (risos) eu canto muito... vou à sala dos colegas, mandar recado, falo demais o tempo todo... gosto de mexer com outra turma, reparo a roupa de quem tá na moda, de quem não tá... quem tá bem vestido, quem não tá... algazarra do jovem que eles têm, naquela bagunça, mesmo de ficar assim em ti-ti-ti, em grupinho.

E ressalta,

Mas a escola me aceita como aluno... Como jovem não. Como jovem eles tiram os galhinhos podres mas eles sempre se ramificam de alguma forma. Os galhinhos podres significam certos vizinhos jovens, como cigarro, o celular, a fofoca, o namoro no corredor, a pegação no banheiro, o encontro marcado numa sala vazia que rola muito isso dentro do colégio principalmente em colégio assim... público, né... Isso vai trazendo um certo desconforto porque a escola podar isso daí, fazendo uma coisa correta e pro jovem isso não correto porque o jovem quer sair da sua sala de aula como aluno e virar jovem e fumar o cigarro e falar no celular e não pode. Isso aí atrapalha às vezes, eu isso que eu chamo de galhinhos podres, sementinhas estragadas que eles podam da gente.

Outros componentes do grupo falam que mesmo que a escola não permite que eles sejam jovens, eles não perdem sua condição de jovens:

Bom, tipo assim. A escola não permite até certo ponto, permite o lado deles, tem as regras deles, né... E... tem o nosso lado também... porque por exemplo eles falam que não podem fumar na escola, mas a gente tem o nosso jeitinho de burlar as regras, né... mas a escola em si não permite muito a gente ser jovem. Mas a gente dá o nosso jeitinho dentro do local da escola. (Carla, 27 anos)

(...) Eu sou jovem na escola. Eu tento ser divertido... Brincar com meus amigos e... Tipo assim, mesmo que eu brinque, eu tento prestar atenção ao máximo na aula. Porque as coisas que vão passar pra mim vão servir pra minha vida inteira. (...) E os professores que às vezes a gente ri, se diverte, eles acham que isso aí é a pior coisa. Que a gente não ta prestando atenção na aula deles, sacou... Tá...zoando na aula deles... (Sandro, 19 anos)

Percebemos que as práticas e os constrangimentos vividos no espaço extraclasse por eles, permitiu a plasticidade e a formação dessa tribo. Em se tratando dessa plasticidade, destaco que no estudo de campo, o grupo foi vislumbrado rapidamente pelas roupas e a imagem corporal que assumem uma importância particular para esse grupo, que só

circulam pelos outros ambientes da escola e a rua, em companhia de seus pares, o que evita comentários e chacotas.

Curiosamente, a tribo família, não foi apontada como grupo, por nenhum(a) professor(a), nem pelas coordenadoras e nem a diretora nas entrevistas concedidas por eles(as). Essa invisibilidade se dá na medida, em que como alunos eles são dedicados e não dão problemas na sala de aula. Ou seja, há um elemento constrangedor adotado pela instituição que uniformiza as práticas dos jovens alunos e que descaracteriza a diversidade de formas múltiplas diante de seus grupos de pertença, dos espaços ocupados na própria configuração espacial da escola e que se dilui na falsa identidade homogênea de *aluno*, tão somente aluno.

A TRIBO AS PANTERAS

A única tribo citada por duas professoras é As Panteras, principalmente no que se refere às ações praticadas pelo líder Gustavo e pelas meninas que assumem atitude de desafio, de pouco caso, de deboche para com os(as) professores(as) e colegas da turma. Ou seja, ela foi considerada um problema enquanto alunos.

É formada por 06 componentes, 03 jovens alunas que assumem a tribo e se autodenominaram – *As Panteras*, porque sabem o que querem.

Carolina tem 18 anos, é magra, morena, cabelo longo e cacheado, usa sempre trancinhas coloridas, suas unhas dos pés e das mãos estão sempre esmaltadas e sempre maquiada. Suas roupas sempre marcam as curvas do seu corpo. Na escola, os rapazes sempre a olham e mexem com ela. Ela é a referência estética para a tribo.

Felícia tem 20 anos, é negra, tem cabelos curtos com adereços, usa maquiagem, suas unhas dos pés e mãos estão sempre esmaltadas, usa mini-saias, decotes e sandálias com saltos altos e trabalha numa pousada.

Marina em 19 anos, trabalha como monitora de crianças, usa óculos, tem cabelos longos e cacheados, usa maquiagem e sapatos com saltos altos, suas unhas dos pés e mãos estão sempre esmaltadas. As três colegas sempre pintam as unhas com a mesma cor. No dia do grupo focal, as três pintaram da cor vermelha.

Os outros 03 são jovens alunos que fisicamente têm braços malhados e ombros largos e eretos, que sempre estão ao lado dessas jovens alunas, mas, segundo Gustavo eles não formam uma tribo, pois eles não se encontram fora da escola.

No entanto, na minha observação de campo e no grupo focal⁹, ficou clara a idéia de que o que os torna uma tribo é a resistência da exclusão sofrida por não se enquadrarem no perfil de alunos que a escola espera.

Otto tem 19 anos, não trabalha, pratica esportes todos os dias, adora ouvir música e usa muito roupas de cor preta, gosta muito de Carolina e de Gustavo. Da mesma forma, Fernando, que tem 18 anos, que pratica esportes, é tímido, mas na tribo é bastante participativo.

Gustavo tem 24 anos trabalha como despachante com o pai, tem uma filha que mora com os seus pais e atualmente namora Carolina, a garota mais “cobiçada” da escola. Todos os dias vai à academia, à praia e é muito temido pelos seus colegas de turma e muito criticado pelas professoras. O aluno Gustavo foi citado pelas professoras como uma pessoa que ninguém suporta e a sua namorada também integrante da tribo como “bonita, antipática e burra”.

Sim, posso. E tenho um...grupo Um... Menino do terceiro ano... A turma dele é boa. Mas... Ele... Ninguém, nenhum professor gosta dele. Mas o menino até... é... tão inteligente... Ele não participa, ele não faz nada. Ele não faz, ele só atrapalha. Ele gosta de bagunça. Mas ele tem uma certa maneira de dominar a turma, quando ele vê, ele já tá falando: ó, ninguém em amanhã. Ninguém vem. Ele... Como aluno ele é um aluno fraco, péssimo. Mas como... Porque, eu digo a inteligência dele, ele... Ele não é aquela pessoa que não tem opinião. Ele sabe o que quer por... E ele já deve ter uns 24 anos. Mas ele... Ele sabe assim, ele pode ser chato, mas ele é... Igual você percebe que aquele menino tem talento. Ele é inteligente, só falta ele conhecer a inteligência dele. [...] Gustavo. [...]

Ninguém suporta ela [Carolina, a namorada dele]. Ele analisa todo mundo. Ele analisa você professor. É um menino que tem que tomar cuidado. Ele não é bobo não. Ele... Não sei se você percebeu isso. Ele é... Ele apesar de ser um aluno... Ser chato, mas ele é bom. Se ele se dedicasse ele ia se dá bem. Ele desenha muito bem. Ele tem talento, a gente vê. Ele desenha muito bem. Ele, Fernando e Otto...desenham muito bem.Tem, às vezes, eles não têm aquela vontade de conhecer... Ler, estudar... Mas eles têm interesse em outras coisas que são importantes. A gente vê. Não gostam da escola.

⁹ O grupo focal foi uma das técnicas de pesquisa utilizada e ele pode ser caracterizado como: “[...] um processo no qual os membros do grupo narram e discutem visões e valores sobre eles próprios e o mundo que os rodeia. Frequentemente usado nas ciências sociais para buscar uma resposta ao ‘porquê’ e ‘como’ dos comportamentos, o grupo focal tem-se revelado uma estratégia privilegiada para o entendimento de atitudes, crenças e valores de um grupo ou de uma comunidade relacionada aos aspectos específicos que se pesquisam”. (CASTRO, ABRAMOVAY, RUA E ANDRADE, 2001, p.34)

A escola... Já ouvi assim professores falarem a mesma coisa que eu to falando. Que ele é inteligente sabe dominar e tal. Ele pode ser um chato, mas ele tem outros pontos positivos. Quanto às meninas: Carolina. Eu vou falar igual... Igual a um professor... A fulana é fraca, mas ela é boa. Elas são assim. Elas são antipáticas demais. Aquelas ali nem... Nem... Nem Cristo agüenta. Nossa! Não dá não! [Carolina è boa]. Porque a Carolina é bonita. Por isso que eles falam isso, os outros colegas. Mas é burra. (Silvana, professora da área de ciências humanas).

Da mesma forma, na fala de Gustavo ele afirma que a escola é desinteressante e que a odeia:

Hoje eu estudo não é nem porque eu gosto, porque, ah, não, mas é porque eu preciso terminar de qualquer jeito, se eu pudesse fazer um supletivo, já tentei fazer supletivo aqui na escola, não consegui a vaga já... Pudessem hoje ter meu segundo grau completo, mesmo não sabendo nada, porque eu não penso em fazer concurso público. Então, pra mim, o que eles estão ensinando para mim ali na sala ali vai passar em branco, porque eu não vou aprender e também não vou usar em dia nenhum. Porque o curso que eu quero fazer é educação física, e isso não vai modificar nada no meu objetivo. E... Estudo mesmo por estudar. Venho para a escola por vir. Não tenho interesse nenhum. As aulas são é... hoje você estuda numa escola ela não tem... o ensino não foi reformulado, é a mesma coisa, tudo que você aprendia há cinquenta anos atrás. Então, se torna desinteressante uma, um método de ensino pros alunos, e... se você não tiver um estímulo maior pra vim para escola, aluno nenhum vai querer vim pra estudar, vai querer vim pra passar tempo ou pra não ficar em casa as vezes. E... só isso. (...) A hora da carteirinha é a melhor hora na escola, é um sinal de que já é hora de ir embora. (...) eu posso nem dizer que eu gosto de matéria nenhuma porque senão eu vou entrar em contradição, pelo que eu acabei de falar que eu odeio a escola. (Gustavo, 24 anos)

Essas resistências ao modelo educacional dominante atingem o seu auge nas práticas de fuga, indisciplina, gritos, conversas altas, risos provocativos e apontamentos para as pessoas que passam próximas da tribo¹⁰. Isso, só ocorre explicitamente quando o Gustavo está próximo para possível defesa física do grupo. Na fala da Marina são apontadas as fugas ocorridas e as penalidades da escola para esse tipo de ação:

Como aluna eu tento estudar... agora como jovem eu tento fugir das regras... tento conversar... mas aqui é difícil. Se você senta lá fora... você vai pra coordenação, eu já tive que trazer até a minha mãe aqui, com 19 anos. Então é difícil a gente tentar fugir, corre pro banheiro, corre para outro lugar, pra a gente tentar aquele minutinho só de jovem, só de mulher...só que é meio difícil...(Marina, 19 anos)

O namoro de Gustavo e Carolina é usado como prática de resistência, pois seus toques chamam atenção dos que passam e faz com que a coordenadora sempre os convide para conversar sobre o assunto. Inclusive a Carolina, cita a dificuldade de relacionamento com a coordenação da escola:

¹⁰ Enquanto observadora, vivenciei essas ações, ou seja, eles comentavam, riam e apontavam para mim sem nenhuma formalidade

Não gosto das coordenadoras que tem nessa escola. Do jeito que elas se comportam perante a gente, exigem respeito, mas não respeitam na maioria das vezes, e eu gosto de ficar com as meninas porque tem fofocas, comentários... gosto de vir pra escola por causa do meu namorado, quando ele não vem também é um saco.

E Gustavo também afirma que a ausência de sua namorada torna a escola mais tediosa:

Então eu não venho nem pra escola estudar mesmo, como eu já disse antes, venho mesmo pra ficar com a Carolina aqui e quando ela falta é o maior saco. Já não tenho vontade de estudar, e quando ela falta aí que não dá mesmo. Então é isso aí, continuo não gostando da escola de maneira nenhuma. (Gustavo, 24 anos)

A tribo não se encontra para além dos muros da escola, eles se reconhecem como grupo de dentro da escola. E concordam que é diferente de ser aluno e de ser jovem na escola, pois Marina (19 anos):

É um pouquinho diferente, porque aqui dentro tem que andar ao pé da letra, tem que tentar fazer o que... por exemplo o que a coordenadora e a diretora quer que seja...estudar mesmo!
Já pra ser jovem não quer saber disso, quer sabe de batuque, quer saber de... conversa. Não leva o estudo a sério. Eu acho que existe uma diferença entre jovem e aluno.

Gustavo (24 anos) apresenta essa diferenciação pelo controle exercido apenas pela escola e pela sociedade.

É diferente... você aluno é controlado dentro de uma escola e você mostra o seu comportamento dentro de uma escola. Você jovem tem um comportamento controlado por uma sociedade. É diferente é um negócio muito mais complexo, as regras são mais severas, existem leis.. existem obrigações... Então...é...é... até difícil ser jovem e conseguir ficar ali, porque o jovem ... o que é jovem... é uma pessoa que não tem muito medo das coisas e muita curiosidade de descobrir as coisas...às vezes influenciado pela turma, por amigos, assim... Então é a fase do descobrimento e ali que você vai descobrir tudo e qual o caminho que deve seguir...qual? A vida. Você vai conhecer como é a vida a partir de jovem. Você aluno, não. Você tá ali, faz parte de uma escola e só aquelas regras pra você se comportar dentro de uma escola, que você é capaz , estudar, você aprendeu ali, mas não é uma coisa que você talvez não use no seu dia-a-dia. Uma educação que na rua é diferente da educação que você recebeu da escola. Ela tem como princípio te preparar pra fazer alguma coisa, uma prova, uma coisa... na vida, não. O ensino que você tem na vida como jovem é diferente é pra você ser uma pessoa, criar uma personalidade, ser um homem ou uma mulher.

E completa a sua fala apresentando o seu desejo de ser tornar adulto pelo fato de existir cobranças para isso:

Pra falar a verdade, eu já tô querendo sair desse negócio de ser jovem, prefiro tentar ser um homem porque eu acho que eu não tô na idade de ser jovem. Eu tenho que pensar em mais responsabilidade com as coisas, que... a vida passa muito rápido e antes eu tinha 18 e 19, eu torcia pra que tudo acabasse em festa. Hoje, não! Hoje eu só penso na minha casa, com minha

filha e minha família. E sem ter que preocupar, de dor de cabeça, com contas... Ter uma vida estabelecida, é isso que eu penso... (...)Eu sou meio nervoso, é... às vezes eu não. Sou meio radical com as coisas, deixa eu ver... e às vezes a pressão de estar passando da idade já pra me formar nas coisas. O mercado de trabalho se fechando, isso me causa um, uma pressão muito grande dentro da minha cabeça que parece que eu vou ser excluído... mais rápido entendeu. Ai, deixa eu ver... isso talvez mexa um pouco com a minha personalidade, porque eu já sou nervoso, e eu me sinto pressionado pela sociedade por não conseguir as coisas, e sei lá. É isso aí.

Interessante notar que a diferença destacada pelo grupo sobre o que é ser jovem e ser aluno, é também respondida por ações que os indivíduos do grupo praticam no espaço escolar.

Como aluna eu respondo a presença como jovem, eu fico no banheiro conversando com as meninas, eu rio muito, procuro ser jovem. (Felícia, 20 anos)

Como aluna, raras vezes eu tento estudar, às vezes eu tento seguir as regras mas é muito difícil. E como jovem eu procuro fugir das regras, procuro matar as aulas, procuro fofocar, procuro conversar, muito e não tá andando naquela coisa que tem que ser assim... (Carolina, 18 anos)

Sobre profissionalização e formação acadêmica, apenas Gustavo (24 anos) comenta sobre os olhares atentos do grupo que constrangidos não comentam.

Eu vou fazer educação física. Me formar na área de personal, que é uma área maneira. E... quero me trabalhar com saúde o resto da minha vida, é... porque é uma área que cresce muito porque todo mundo hoje se preocupa mais em cuidar do corpo do que a cabeça. E... a tendência é muitas pessoas caírem pra esse lado. Eu gosto de academia. Eu gosto de esporte. Muitas pessoas que ainda têm dúvida sobre o que querem, então, eu já levo uma vantagem... Meu sonho também tomara que eu consiga, é construir uma casa perto dos meus pais, pra morar todo mundo perto. Então, ganhar esse apartamento do jornal e dar pra minha filha pra morar todo mundo junto.

Gustavo, apesar de afirmar que ele não forma um grupo na escola, que apenas participa do grupo de seus amigos de infância do bairro, ele é o líder do grupo. Na medida, em que suas colocações suplantam as respostas dos demais que acham desnecessária a sua fala em virtude de considerarem a fala dele também a sua resposta ou algo inatingível. Por exemplo, na fala sobre os sonhos individuais e a formação acadêmica desejada, somente o Gustavo responde, o que transpareceu que ele realmente poderá realizar o que quer, enquanto eles não teriam a mesma chance.

Foi também percebido que a sua colocação em relação ao grupo, deixou os rapazes decepcionados, pois demonstraram que gostariam de ouvir dele, que eles eram um grupo, pois sempre estão juntos na sala de aula, no intervalo, na saída, na entrada e há admiração por parte deles em relação ao Gustavo.

Gustavo (24 anos) líder dessa tribo, é uma peça fundamental na caracterização interna do grupo, pois ele sujeita seus parceiros aos seus desejos pessoais e aos seus caprichos, inclusive a sua resistência à escola. Ele se coloca em uma posição superior, pois ele é mais velho, mais rico e mais bonito, ele não se julga igual aos seus colegas. Por isso, a dificuldade dele em confirmar a sua pertença a esse grupo. Por outro lado, os outros integrantes se reconhecem enquanto tribo e apresentam em suas falas, a importância do referencial que o Gustavo projeta sobre eles.

AS TRIBOS DA ESCOLA DA VILA NA PERSPECTIVA DOS(AS) EDUCADORES(AS)

Para os educadores da Escola da Vila, a idéia de formação de grupos na escola é rejeitada, para eles essas formações são relacionadas a condutas violentas, confrontativas, práticas de vandalismo e a perda de autoridade da escola.

A fala da coordenadora (conhecida pelos alunos/as e professores/as como a “mulher que bota moral na escola) em relação à formação de grupos no interior da escola é bastante ilustrativa. Ela começa respondendo a questão dizendo que na escola não existe liderança negativa e quando insisto para que ela descreva que grupos existiriam na escola da vila, a resposta é:

[...] agora eu entendi... é grupos que estão sempre juntos brincando, no momento de recreio ou em sala de aula, é isso aí. Eu acho que normalmente na maioria das turmas existem esses grupos assim. Até certo ponto são aceitos... Uma certa normalidade. Mas, a partir do momento que o grupo conversa muito e atrapalha... aí é complicado realmente...Aí o conselho de professores expõe a situação e a orientação chama e conversa.

Na fala do professor Silva da área de ciências exatas, ele até pergunta-me se a questão está relacionada a formação de “tribos“ na escola. Pelo seu olhar assustado fazia o uso do termo “tribos“ em seu uso corriqueiro, tal como aparece na mídia e no senso comum, que faz referência à ações selvagens, delinquentes e desajustados juvenis. Percebendo que não respondi, afirmou:

Sempre tem aqueles, aluno e aluno, sempre tem aquelas panelinhas né... Você vê, geralmente, um grupinho criticando o outro, mas nada violento que eu vejo não. [...] Tribo? Que eu tenho visto não. Teve mais assim, amigos que moram perto de casa mesmo, que convivem aqui na escola e tem amizade final de semana. [...] grupos que lutam, que brigam por alguma

causa, mesmo que seja assim, sem objetivo, só por brigar... eu não vejo , não tem esse tipo de grupo, não.

Segundo Diógenes (2003, p.67):

É por meio dos jogos, das festas e do esporte que juventude tem se projetado como vitrine da vida social. Através de seus corpos, marcas, atitudes, emblemas referentes a um estilo moderno tomam forma, cor e movimento. É no corpo dos jovens que os códigos relativos a uma estética, um jeito de ser, um *style* são fincados, acionados e ganham expressão pública. É assim que a violência juvenil torna-se também um dos artifícios de espetacularização da presença do jovem no âmbito da cidade e um campo de expressão e instituição de práticas e estilos grupais.

A fala do professor Silva da área de ciências exatas, justamente faz referência a espetacularização da presença do jovem na cidade e na mídia que a relaciona à violência, drogas e marginalidade.

O termo aluno(a) foi muito utilizado pelos educadores em virtude da idéia de um papel social, que configura “seres escolarizados de pouca idade“(Sacristán,2005). De acordo com o mesmo autor:

O aluno, como a criança, o menor ou a infância, em geral, são invenções dos adultos, categorias que construímos com discursos que se relacionam com as práticas de estar e de trabalhar com eles. São elaborações atribuídas aos sujeitos que pensamos ter algumas dessas condições. A peculiaridade sociológica e antropológica que supõe esse fato geralmente passa despercebida, de tão natural que nos parece, sem que paremos para pensar se isso foi sempre assim, se ocorre universalmente, se será um estado do qual necessariamente surgem conseqüências sempre positivas para eles ou não, como vivem essa tarefa, com quais dificuldades e preocupações vão às aulas, o que encontrarão ali, que desejos deixam ao sair de suas casas e quais deixam nas portas da escola, que histórias têm ou que futuro os espera[...]. (SACRISTÁN, 2005, p.13-14).

É possível intuir que, em torno apenas da categoria aluno (a), formou-se toda uma ordem social na qual se desempenham determinados papéis e se configura um modo de vida que nos parece muito familiar porque estamos acostumados a ele. Essa ordem propicia e “obriga“ os sujeitos nela envolvidos a serem de uma determinada maneira. (Sacristán:2005).

Assim, na Escola da Vila, o que foge à categoria aluno (a) é silenciado, inclusive a existência de tribos, aqui entendidas como microgrupos cujos integrantes vivem simultânea ou alternadamente muitas realidades e papéis, assumindo sua tribo apenas em determinados períodos ou lugares. Os sujeitos focalizados, além de alunos, são, acima de tudo, jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme vimos, a pesquisa realizada deixou claro que a Escola da Vila não reconhece seus/uas alunos/as como jovens. Mesmo assim, os/as jovens alunos/as destacaram que apesar desse desencontro, é possível ser jovem naquele espaço.

Através dos tempos livres e dos lazeres no universo escolar, esses jovens se diferenciam do mundo adulto, construindo ritos, normas e expressões culturais que segundo Brenner, Dayrell & Carrano (2005, p.176) trata-se da elaboração de subjetividades coletivas em torno de culturas juvenis. Ainda de acordo com os autores:

[...] é preciso considerar o lazer como tempo sociológico no qual a liberdade de escolha é elemento preponderante e que se constitui, na fase da juventude, como campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e o exercício de inserção afetiva nas relações sociais. Assim considerado, o lazer pode ser espaço de aprendizagem das relações sociais em contextos de liberdade de experimentação. (BRENNER, DAYRELL & CARRANO, 2005, p.176)

Aliado ao tempo livre a experimentação da força dos grupos, que denominei de “tribos” a partir de leituras das produções teóricas de Pais (2004), Magnani (2004) e Maffesoli (1987) ocorrem às relações de sociabilidade dos/as jovens alunos/as, apesar da instituição não promover atividades que fortaleçam os laços entre os agrupamentos.

A tribo As Panteras contesta à escola, enquanto um espaço apenas de obrigação e dever, sua relação com a escola é desgastante para o grupo e a equipe técnica, os/as educadores e os funcionários da Escola da Vila. Uma vez que, a tribo existe pela comunhão de seus componentes contra a escola e seus mecanismos de controle.

O pátio como território dessa tribo, aponta para a necessidade que esse grupo tem de buscar a sua visibilidade no ambiente escolar enquanto um grupo contestatório da escola. Essa caracterização pontua o caráter público que essa tribo deseja ser legitimada. Os componentes dessa tribo querem ser notados e reconhecidos pela recusa do papel a ser cumprido – o de aluno/a.

Já a tribo Família traz à tona o questionamento da sociedade atual e suas contradições no que se refere ao homoerotismo, desemprego, injustiça social e a desestruturação no seio de suas famílias. O grupo substitui as ausências e fragilidades nos seus referenciais familiares pela formação de uma tribo familiar, com referencial paterno e materno. E a instituição escolar é vista por eles como um espaço necessário para a conclusão do ensino médio e a possibilidade de alcançar melhorias individuais.

Essa boa relação mantida com a escola, torna a tribo, um grupo despercebido no interior da escola. Esse fato tem relação com a caracterização interna do grupo, que se organiza

como família, em circunstâncias privadas. Isso reflete no território ocupado por eles na Escola da Vila, o andar de cima, que poucas vezes é visitado pelos/as educadores/as. Isso promove a proteção dos componentes do grupo, evitando à exposição do grupo, quanto ao desgaste na relação com a escola e colegas.

As duas tribos são lideradas por homens mais velhos que exercem o domínio tanto na fixação de normas como na construção de um referencial para o grupo. Isso permite perguntar: será que os/as jovens necessitam de uma tutela adulta em sua condução social? Ou não será que todos eles não estão procurando suas tutelas?

Essa sociabilidade juvenil na Escola da Vila, não implica no envolvimento em ações coletivas, mas no âmbito da vivência e da identificação religiosa, esportiva, musical, estética e de lazer.

Nesse sentido, a construção das tribos de identidade juvenil, apareceu como um dos elementos constitutivos da singularidade da condição juvenil. Aqueles que não formam grupos no interior da escola, os tem fora dela.

Essa situação é explicada por CAMACHO (2000, p.127):

O grupo se converte no centro de seus interesses, tudo gira em torno dele, as atividades, as sensações e os pensamentos estão vinculados ao que pensam, digam ou opinam os seus pares. Surge a necessidade de compartilhar tudo. O fundamental é não ser rejeitado e estar incluído em todas as atividades grupais, porque a necessidade de pertencimento é vital e o ostracismo é temido.

O desencontro entre como os/as jovens se vêem e como são vistos, foi percebido nas lacunas deixadas pela escola, que prova que ela ainda não está aberta para a discussão nas dimensões experimentadas por seus jovens alunos/as como: homoerotismo, violência, sexualidade, religião, juventudes e as pertencças grupais.

Todas essas temáticas foram discutidas nos grupos focais realizadas com as tribos de dentro e fora da escola, menos pelos professores/as, direção e equipe técnica. Justamente, porque esses temas emergentes vão na contramão da tendência moralizante do discurso pedagógico dessa Escola. O que nos levar a afirmar que,

[...] mesmo sem uma intenção pedagógica clara, a escola ainda promove, sim, o ajustamento do indivíduo à ordem social. (SOUZA, 2003, p.182)

Mas isso só não basta. A estrutura escolar e os projetos pedagógicos da Escola da Vila, não respondem aos desafios que estão colocados para a educação da juventude contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRENNER, Ana Karina, CARRANO, Paulo & DAYRELL, Juarez. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In ABRAMO, Helena & BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes**: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2000.

COSTA, Deane Monteiro Vieira. **Escola e juventude: encontros e desencontros**. 2005.146f.Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória,2005.

DIÓGENES, Glória. **Itinerários de corpos juvenis:o tatame, o jogo e o baile**. São Paulo: Annablume,2003.

FERRARI, Anderson. **O homoerotismo masculino no contexto escolar**. Mestrado em Educação / UFJF, Juiz de Fora, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Tribos urbanas : metáfora ou categoria?** Disponível em: <[http:// www.aguaforte.com/antropologia/osurbanistas/revista/urbanista1.html](http://www.aguaforte.com/antropologia/osurbanistas/revista/urbanista1.html)>. Acesso em 12jul.2004.

PAIS, José Machado. **Tribos urbanas: produção artística e identidades , 2004**.

PEREGRINO, Mônica & CARRANO, Paulo. Jovens e escola: compartilhando territórios e sentidos de presença. In **A escola e o mundo juvenil: experiências e reflexões**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANTOS, Jair. **Vila Velha: onde começou o Estado do Espírito Santo**. Vila Velha: Ed. Do autor,1999.

SPOSITO, Marília Pontes & GALVÃO, Izabel. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina e a violência. In **Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação**. Florianópolis: Editora da UFSC, v.22, n.2,p.345-379,jul./dez.2004.

